

SOL DA TERRA

*o uso do barro
em psicoterapia*

Álvaro de Pinheiro Gouvêa



SOL DA TERRA

O uso do barro em psicoterapia

Copyright © 1990, 2019 by Álvaro de Pinheiro Gouvêa
Direitos desta edição reservados por Summus
Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Capa: **Ruth Klotzel, com foto de Hermano Shigueru**

Taruna

Fotografias: **Álvaro de Pinheiro Gouvêa (Anexo) e**
Hermano Shigueru Taruna (Apêndice)

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	11
<i>Preâmbulo</i>	13
<i>Introdução</i>	15
 <i>CAPÍTULO I</i>	
CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO PENSAR CIENTÍFICO	17
O conceito de dialética.....	21
A fluidez da dialética na psique.....	24
 <i>CAPÍTULO II</i>	
O USO DE OBJETOS NA DIALÉTICA PSICOTERÁPICA	29
A imagem como manifestação de uma experiência interna — como veículo da emoção.....	30
Átomo, energia, energia físico-química, energia psíquica, libido, formas e ordenações da psique	37
Consciente — inconsciente — a estrutura e dinâmica da personalidade.....	41
 <i>CAPÍTULO III</i>	
DA INTRODUÇÃO E DO USO DO OBJETO MATERIAL	49
A primeira entrevista.....	49
O “Objeto Material”	51
A escolha do Objeto Material pelo analista	52
As mãos e o Objeto Material.....	54

O barro como Objeto Material.....	55
A imersão no barro — o barro como o feminino matriarcal.....	58
A <i>Coniunctio</i> no barro	60
No forno alquímico, o discernimento psicológico.....	65
<i>Conclusões</i>	77
<i>Apêndice</i>	
A PRÁXIS ALQUÍMICA NO CONSULTÓRIO	83
As sessões com o barro.....	85
O significado de algumas imagens de barro surgidas no consultório.....	86
Arquétipos e complexos — catarse e ab-reação no barro.....	103
<i>Posfácio</i>	107
<i>Anexo</i>	
BREVE MODELO DE SENSIBILIZAÇÃO CORPORAL UTILIZANDO A NATUREZA COMO <i>SETTING</i> ANALÍTICO E DIFERENTES OBJETOS MATERIAIS.....	
Os três momentos básicos da sessão e sua dinâmica junto do Objeto Material	124
A natureza como <i>setting</i> analítico	125
Análise de uma sessão tendo a natureza como <i>setting</i>	125
A atuação do terapeuta, os exercícios e o andamento da sessão	127
<i>Bibliografia</i>	137

PREFÁCIO

“Toda forma nasce da terra”, escreve Mircea Eliade em seu *Traité d'histoire des religions* (1970). Terra dos mortos e dos grãos, é o lugar da vida e da regeneração. Inúmeros rituais de passagem, em grupos culturais diversos, incluem o recolhimento em alguma cova. Além de constituir óbvia experiência de morte simbólica, esse rito promove o contato direto com o íntimo do barro, evidenciando-lhe a função de criação e recriação, pois, diz ainda Eliade, “a terra produz formas vivas”. E o oleiro, o escultor, cúmplices das forças telúricas, deixam que seus dedos despertem as formas vivas adormecidas no âmago da terra.

O processo psicoterápico, em que forças inconscientes se organizam pela mediação do terapeuta, poderia ser comparado ao trabalho do artesão que propicia o jorrar das formas. A imagem parece bastante acertada. Ocorre, no entanto, que a grande contribuição do presente livro é que não fica em nível de metáfora. Álvaro Gouvêa realiza um trabalho de psicoterapia onde a manipulação concreta do barro é sustentáculo do processo de transformação do cliente. Sua dissertação de mestrado, que agora vem a lume sob forma de livro, teve por objeto estabelecer bases teóricas seguras para tal procedimento, cujo acerto empírico se verifica diariamente em seu bem-sucedido trabalho de psicoterapeuta.

Acompanhei a elaboração deste trabalho, e poucas vezes, no decorrer de quase vinte anos de exercício acadêmico, tive tanto prazer

neste ofício. Em verdade, o processo de elaboração exerceu-se em ambos os sentidos. Aprendi tanto quanto ensinei. Cabe-me, no entanto, a satisfação de ter introduzido Álvaro ao conhecimento da obra de Bachelard, que lhe forneceu o necessário respaldo epistemológico.

Nunca é demais insistir na importância deste autor que, como ninguém, soube atender à dupla exigência da razão e da imaginação, sem estabelecer hierarquias entre conhecimento científico e saber poético mas, ao contrário, propugnou por aquilo que seu discípulo Gilbert Durand chama de *politeísmo das estruturas*.

A junção da filosofia de Bachelard com as teorias de Jung, que, na França, deu ensejo ao rico filão da *antropologia do imaginário*, permite assentar o trabalho do psicoterapeuta, quando pede ao cliente que modele uma máscara de barro. Surge então essa "forma viva", espelho de terra, rosto da alma que se vai elaborando na alquimia das metamorfoses.

Para que a integração com a perspectiva junguiana seja perfeita, pouco tempo depois, deparamo-nos com notável "coincidência significativa". Veio às minhas mãos o livro de P. Derlon, *Tradições ocultas dos ciganos** (1975), que relata o seguinte: "O cigano preconiza uma utilização singular da máscara, uma utilização de alguma forma terapêutica, por mais estranho que isso possa parecer. Visa restabelecer o equilíbrio psíquico do doente, sugerindo-lhe uma imagem inesperada (porque inconsciente) e subjetiva da serenidade. (...) A fabricação da máscara segue um ritual preciso: elabora-se começando com sete bolas de argila que representam sete astros, Saturno, Júpiter, Marte, Urano, Mercúrio, o Sol e a Lua (...) A máscara é a materialização do fim a atingir. Apresenta-se como um enigma do qual só o paciente possui a chave" (pp. 133-134).

A construção daquilo que os ciganos chamam de *máscara da serenidade*, inclui portanto a reprodução da imagem do cosmos que, interiorizada, leva o cliente a reelaborar a harmonia interna. Mais uma vez, magia e psicoterapia trilham caminhos paralelos, onde se afirma a natureza enigmática e fascinante da realidade humana.

Monique Augras
Departamento de Psicologia
PUC/RJ

* São Paulo, DIFEL, 1975. (Orig. francês: *Traditions occultes des gitans.*)

PREÂMBULO

Este trabalho é uma discussão acerca de uma prática analítica, tal como se apresenta em consultório particular, em que se atende especificamente a adolescentes e adultos considerados nos limites da neurose. O propósito geral pode ser considerado como uma tentativa de facilitar a relação “analista/analizando” na prática diária de consultório e vir a dinamizar o processo de cura pela psicoterapia de base analítica.

A partir dos estudos das noções básicas do pensamento de Gaston Bachelard em suas obras: *A Filosofia do Não*, *O Novo Espírito Científico* e *A Poética do Espaço*, procuramos mostrar, num primeiro momento desse trabalho, que a dinâmica dialética traz em si mesma o espaço para o diálogo, que propicia o crescimento psíquico dos indivíduos, o ser do homem em dialética.

No momento seguinte, desdobramos a construção da relação “analista/analizando” ao introduzirmos um objeto específico com a denominação de “Objeto material” (no caso o referido objeto é o barro da terra), estabelecendo a tríade “analista-objeto material-analizando”. A seguir, procuramos analisar tais relações a partir fundamentalmente de três pontos: o primeiro diz respeito à abordagem da dialética em psicoterapia analítica; o segundo utiliza conceitos junguianos, da psicologia analítica; e o terceiro, o pensamento de Gaston Bachelard, a fim de iluminar o trabalho analítico no consultório.

O objetivo geral consiste em anunciar o simbolismo do “Objeto material” como o meio adequado para se atingir o núcleo de personalidade daqueles que vêm na criação de si mesmos a questão central da existência. Não se trata, portanto, de confirmar uma teoria, mas de expressar-me através do trabalho que realizo no consultório enquanto analista.

INTRODUÇÃO

“Ouve-me, ouve-me ó silêncio. O que te falo nunca é o que eu te falo, e sim, outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à toa de brilhante escuridão. Um instante me leva insensivelmente a outro e o tema atemático vai se desenrolando sem plano mas geométrico como as figuras sucessivas num caleidoscópio.”⁽¹⁾

Monique Augras, minha orientadora, soube silenciar e dizer a palavra certa enquanto meus pacientes confirmavam a todo instante o que meu ser já sabia. Escrever esse livro, fabricar o texto, forçar-me a escrever sobre o desejo vivido no direto do nosso barro, tornou-se uma tarefa possível graças a C. G. Jung e Gaston Bachelard entre outros. É preciso escrever como quem faz ciência; psicologia é ciência: a ciência do ser. Mas como falar em palavras discursivas o que se passa no espaço do consultório? Como falar das queixas insistentes dos analisandos querendo ser tratados de forma mais próxima, mais dinâmica, mais humana? A prática da teoria teria afastado o analista do existencial do analisando? Ocupando-me assiduamente de minhas fantasias, tais pesquisas levaram-me a repensar muito do que fora aprendido como fundamento teórico da prática analítica. “O relacionamento médico-paciente tem de ser um processo dialético. Isto posto, fica evidente a necessidade de se mudar totalmente o enfoque em relação às formas mais antigas de psicoterapia.”⁽²⁾

É o que se tenta fazer quando se considera que para o analista se torna imprescindível pensar e agir de forma dialética ao mesmo tempo que se introduz no *setting* analítico o que chamamos de “Ob-

1. Lispector, C., *Água Viva*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 14.
2. Jung, C. G., *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 7.

jeto material” (o barro, a argila) a fim de compor a trilogia “analista-objeto material-analisando”.

Sei que, quando escrevo, escrevo como quem aprende. São “palavras, palavras, deslocadas e mutiladas, palavras de outros (...)”⁽³⁾ mas que ao compor este livro querem surgir como uma resposta ou recolocar em questão todo um saber teórico e técnico que tento — com todo o corpo de meu dia-a-dia de reflexões, estudos e trabalho — transformar numa visão de mundo sobre a qual delinearía um modelo. Mais do que um modelo: a sombra de um modelo advindo de uma atividade analítica mais preocupada com a verdade do ser — matéria original desse trabalho. Quando o analista não reconhece a ação da *Weltanschauung* (cosmovisão) na situação analítica, porque ela é freqüentemente obscura e disfarçada, é reconduzido a ela pelo próprio analisando quando ele começa a circular em torno de suas neuroses e o analista a perder-se em interpretações que não ajudam a entrever uma saída adequada para o caso. Observa-se a partir daí uma situação geradora de angústia que culminará ou com o embotamento tanto do analista como do analisando, ou com a saída desse último, o que é mais sadio do ponto de vista psicológico.

“O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta.”⁽⁴⁾ Nesse seu pensamento, Borges me faz pressentir que em alguma região do ser a alma se eleva em arte, em ciência, em psicologia. E a dor secreta daquele que busca analisar-se, conhecer-se de dentro do seu próprio destino, encontrará no fogo da relação analítica o lugar ideal para exprimir a complexa e paradoxal dinâmica do existir em verdade. Não pretendo abarcar nesse livro toda a complexidade que envolve tanto saber em psicologia. É mais uma tentativa de resgatar a mim mesmo e quem sabe outros, de uma série de conhecimentos teóricos e técnicos e, numa espécie de metanóia (conversão), buscar uma imagem mais estruturada da verdade última.

Nessa perspectiva, a idéia vem refletir um desejo profundo de ser eu mesmo a partir do Si-mesmo (*Selbst*), vivendo uma síntese mais madura, fruto de uma realidade vivida e impactada pela prática diária como analista e analisando e que o presente livro me ajudou a colocar em ordem. “Nós não somos os criadores de nossas idéias, mas apenas seus porta-vozes; são elas que nos dão forma... e cada um de nós carrega a tocha que no fim do caminho outro levará.”⁽⁵⁾ Nesse sentido esse trabalho é muito junguiano.

3. Borges, J. L., *O Aleph*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1985, p. 17.

4. *Op. cit.*, p.12.

5. Jung, C. G., *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, p. 8.

Capítulo I

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO PENSAR CIENTÍFICO

“Nós, os psicoterapeutas deveríamos ser filósofos, ou médicos-filósofos — não consigo deixar de pensar assim.”⁽¹⁾

O homem sempre esteve diante do inexplicável e como ser pensante que é, procura encontrar as “leis” nos fenômenos que o cercam e formular teorias que possam levá-lo a uma compreensão mais profunda de si mesmo, de sua alma, de sua psique e dessa forma apoderar-se de sua existência. No entanto, apesar de tantos séculos de vida, de tantas descobertas científicas, a fragilidade humana se faz presença constante, inexorável, e o homem permanece paradoxal: é forte porque é fraco.

A partir dessa gestação contínua, dialética e paradoxal, a que a humanidade está condenada, nasce o homem de dentro de si mesmo como uma criança do seio materno para — cada vez mais — reconhecer-se como participante de um todo universal, como um dos componentes do cosmo e não mais ora como o “homem da caverna” — fraco e sujeito às intempéries da natureza, ora como o “onipotente homem” — senhor do universo, da natureza.

A questão imediata que se postula é de como se daria a relação: homem, ser pensante num corpo físico — com o mundo que o cerca, ou seja, a questão da inter-relação entre o homem, suas metafísicas⁽²⁾

1. Jung, C. G., *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 76.

2. Tem-se repetido sempre que todo homem culto apóia-se fatalmente em duas metafísicas e não em uma, como queria William James. Assim, racionalismo e empirismo se tornaram atitudes clássicas fundamentais ao espírito científico moderno. O racionalista está pronto a falar de uma realidade que ele não conhece em si mesma, enquanto o empirista se aventura em simplificações imediatistas.